

CF (FN) José **Emílio** de Oliveira Rodrigues
jemiliorodrigues@globo.com

É preciso “fazer” Guerra de Manobra

Introdução

O propósito deste artigo é analisar como o Corpo de Fuzileiros Navais (CFN) vem implementando gradativamente o estilo de guerra conhecido como Guerra de Manobra, bem como a validade da sua adoção como um dos três eixos estruturantes que orientarão o desenvolvimento do CFN nos próximos anos. Para atingir esse propósito, não serão apresentados conceitos básicos sobre esta teoria. O artigo analisará o livro *Manual de Guerra de Manobra* de William S. Lind, um dos muitos estudiosos do assunto, traçando um paralelo entre o que sua obra pontua sobre o tema e o que o CFN vem de fato inserindo em sua doutrina e concepção de emprego.

Cabe ressaltar que a Guerra de Manobra não é uma invenção estadunidense. Ela nada mais é do que uma síntese da evolução do pensamento de vários estudiosos da arte da guerra. Ao longo da história, diversos exércitos de diferentes nacionalidades empregaram com maior ou menor intensidade os conceitos desta forma de guerrear. A *Blitzkrieg* alemã na II Guerra Mundial, o ataque aéreo preventivo israelense na *Guerra dos Seis Dias* e até mesmo o assalto anfíbio britânico na *Guerra das Malvinas* são exemplos clássicos da aplicação dos conceitos de Guerra de Manobra. Ao adotar esta filosofia de combate, o CFN não está copiando o padrão norte-americano de fazer guerra. Ele está empregando o que existe de mais moderno no mundo em termos de arte da guerra.

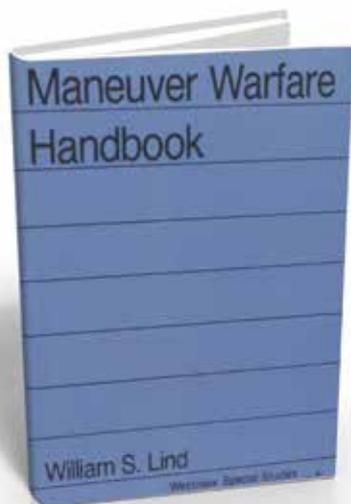


Figura 1: Capa do *Manual de Guerra de Manobra* de William S. Lind
Fonte: sítio Amazon (www.amazon.com)

“Falar” x “Fazer” Guerra de Manobra

O grande problema da adoção da teoria de Guerra de Manobra é que sua aplicação prática esbarra em um paradoxo. É muito difícil ensinar alguém como fazer Guerra de Manobra, porque, sim-

plesmente, não existe uma fórmula para ser ensinada ou seguida. Segundo Lind, em um ambiente de guerra, qualquer tipo de padronização deve ser evitado. Caso o inimigo identifique um determinado padrão de conduta, ele será capaz de prever os movimentos do seu oponente, girando seu ciclo de tomada de decisão (Observação – Orientação – Decisão – Ação, ciclo OODA) mais rapidamente. Isso é exatamente o oposto do que se deseja, ou seja, líderes e planejadores “engessados” por procedimentos doutrinários padronizados não conseguem “fazer” Guerra de Manobra.

É em meio a essa situação paradoxal que se encontra o CFN hoje. Nossa Instituição fala sobre Guerra de Manobra, mas ainda está buscando um caminho para efetivamente aplicá-la. Nossa doutrina já aborda conceitos consagrados, tais como: Centro de Gravidade (CG), Vulnerabilidade Crítica (VC), Superfícies e Brechas, além da Intenção do Comandante. Entretanto, na hora de aplicarmos essas ideias nos nossos planejamentos e exercícios, elas acabam sendo relegadas a segundo plano.

Nossos manuais de planejamento, o *EMA-331: Processo de Planejamento Militar* (PPM) e o *CGCFN-50: Manual de Planejamento dos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais* (GptOpFuzNav), foram elaborados antes do CFN começar a pensar em Guerra de Manobra. Não existe no nosso PPM uma fase dedicada, por exemplo, à identificação dos prováveis CG / VC das nossas forças e do inimigo. Consequentemente, nossos planejadores normalmente formulam suas Linhas de Ação (LA) ignorando os CG identificados e as VC levantadas.

Além disso, em muitas ocasiões, é planejado o emprego de nossas forças contra as “superfícies” ao invés das brechas e, raramente, as LA espelham o que o Comandante orienta em sua Intenção. Na verdade, o CFN “fala” em Guerra de Manobra, mas ainda planeja um elevado grau de atrição (Guerra de Atrito) em suas ações. Esse fato nos leva a concluir que a gradativa implementação da Guerra de Manobra no CFN demandará cada vez mais uma revisão significativa dos nossos processos de planejamento.

Lind ressalta que o *gap* existente entre o “falar” e o “fazer” Guerra de Manobra torna-se ainda mais confuso quando se leva em consideração os diferentes níveis hierárquicos. Ao contrário do que muitos pensam, a teoria de Guerra de Manobra deve ser incorporada em todos os escalões, ou seja, do Comandante da Força ao Comandante da Esquadra de Tiro. Todos devem pensar, decidir e agir com rapidez, conforme as circunstâncias forem se alterando no campo de batalha, o que explica por que Guerra de Manobra é uma filosofia de combate. Toda a força militar “pensa” e “age” seguindo uma mesma linha de raciocínio.

Essa forma de pensar e agir pode ser resumida em duas palavras: *Adaptar* e *Inovar*. Em um ambiente de guerra, sairá vencedor aquele que melhor se *adapta* de forma *inovadora* às dinâmicas circunstân-

cias que envolvem os campos de batalha. Como estas circunstâncias modificam-se constantemente, essa adaptação não pode ser alcançada com eficiência seguindo fórmulas ou “receitas de bolo”. Assim, a chave para o sucesso reside na atitude dos diversos líderes de todos os escalões. Pensando e agindo com audácia, improvisação e criatividade, tais líderes surpreenderão constantemente seus oponentes, quebrando sua coesão mental.

Além disso, ratificando as ideias de Clausewitz¹ sobre a natureza dos conflitos, Lind deixa claro que a falha humana sempre acontecerá no ambiente de fricção, fluidez e incerteza da guerra. Existe uma tendência para se aplicar no ambiente da guerra, a busca pelo famoso “erro zero”, divulgado pelas modernas teorias administrativas de gestão contemporânea. Seguindo esta linha de pensamento, muitos planos são minuciosamente detalhados e elaborados, valorizando excessivamente o emprego de manobras convencionais que, teoricamente, reduzem os riscos e a probabilidade de insucesso. Planos minuciosamente detalhados são elaborados, e o emprego de manobras convencionais, que teoricamente reduzem os riscos e a probabilidade de insucesso, é priorizado.

Tal tendência é totalmente refutada pela teoria da Guerra de Manobra, pois, para ela, as falhas são consideradas normais e vistas como oportunidades. Assim, uma força militar deve estar pronta para adaptar-se oportunamente às mudanças de situação provocadas pelas falhas que, normalmente, são cometidas pelos dois lados de um conflito, observando, orientando-se, decidindo e agindo com mais rapidez que o seu adversário.

A Guerra de Manobra e as Operações Anfíbias

“Fazer” Guerra de Manobra é a melhor opção para se “fazer” Operações Anfíbias (OpAnf). A história das OpAnf nada mais é do que uma grande estória de adaptação e inovação. Com certa frequência, as OpAnf sempre foram questionadas quanto à sua exequibilidade e aceitabilidade, principalmente, por causa dos avanços tecnológicos dos meios que negam o uso do mar para projeção de poder sobre terra. Mesmo assim, a doutrina anfíbia continuou evoluindo, adaptando-se às circunstâncias, desenvolvendo novos meios e concepções inovadoras que garantiram sua viabilidade em plena era dos mísseis.



Figura 2: “Força de Fuzileiros da Esquadra - A Força que vem do mar!”
Fonte: sítio Marinha do Brasil (www.mar.mil.br)

A complexidade das OpAnf demanda uma tropa que pense e aja de forma diferente dos exércitos. A atuação em largas frentes, a deficiência de informações sobre o inimigo e um apoio logístico vulnerável sujeito às adversidades do mar exigem ações extremamente descentralizadas e alto grau de iniciativa em todos os escalões. Além disso, é comum que a doutrinária superioridade numérica não seja atingida. Neste ambiente operacional, a força bruta superior do adversário pode ser superada com uma espécie de luta inteligente, adaptando-se mais rapidamente às circunstâncias e agindo de forma inovadora para surpreender o inimigo.

Lind dedicou um capítulo inteiro do seu livro às OpAnf. Em sua obra, ele menciona a necessidade de uma profunda reforma da doutrina anfíbia em vigor desde a II Guerra Mundial. Entre suas ideias, destaca-se a substituição das clássicas e fixas Praias de Desembarque por inúmeros pontos de desembarque dispersos pelo litoral, visualizando um grande número de pequenos desembarques simultâneos que devastariam a coesão mental das tropas que estivessem defendendo a costa. Esses diversos desembarques anfíbios teriam a missão inicial de realizar o chamado *Recon-Pull*, identificando as brechas existentes no dispositivo inimigo que seriam utilizadas para a projeção dos demais elementos de uma Força de Desembarque.

Ou seja, Lind visualizou uma grande “Manobra” Navio-para-Terra ao invés do clássico e padronizado “Movimento” Navio-para-Terra (MNT). Uma manobra desta magnitude não poderia ser controlada por objetivos geográficos, Linhas de Cabeça de Praia da Força ou linhas limites. Segundo Lind: “(...) na Guerra de Manobra, o esforço militar não foca o terreno, mas sim o inimigo. Uma vez quebrada a coesão do oponente, o terreno naturalmente cairá em nossas mãos (...)”. O autor acrescenta ainda que tal “Manobra” só seria exequível se fosse guiada pelas Intenções dos Comandantes e orientada pelas *Mission-type orders*, traduzidas para os nossos manuais como *Atribuição de Tarefa por Efeito Desejado*.

Na verdade, o que Lind propõe com suas *Mission-type orders* é que cada subordinado tenha conhecimento do que o seu Comandante quer que seja feito contra o inimigo. Observa-se que o foco é na coesão do inimigo e não na posse de uma porção do terreno. Por exemplo, a clássica ordem aos elementos subordinados “Atacar, conquistar e manter o Obj a (PCot 53)” ignora a vontade própria do inimigo (que pode até mudar de posição) e foca no terreno. Para a Guerra de Manobra, essa ordem deveria ser reescrita, adicionando-se uma espécie de minipropósito. Por exemplo, “Derrotar o inimigo que se encontra nas alturas do PCot 53 a fim de impedi-lo de retardar o avanço de nossas tropas”.

Ao redigir uma ordem segundo a Guerra de Manobra, o subordinado fica sabendo o que o inimigo intenciona fazer naquela situação tática específica e o que o seu Comandante quer que seja feito contra o mesmo. O ciclo OODA do inimigo (como ele está manobrando) é identificado e neutralizado, enquanto o ciclo OODA da força que manobra surpreende-o ao fazer aquilo que ele não quer. Assim, se o inimigo quer retardar no PCot 53, ao marcá-lo como objetivo para ser atacado, conquistado e mantido, uma força estará fazendo exatamente o que o inimigo quer: trocar espaço por tempo. Por outro lado, se o inimigo mudar de posição, procurando outra linha de alturas nas proximidades para retardar o avanço, a ordem simplesmente continua em vigor porque todos os escalões subordinados sabem que têm de manobrar a fim de impedir o retardamento, ou seja, eles entendem claramente o que seu Comandante intenciona fazer contra o inimigo.

A Guerra de Manobra é um estilo de guerra que se encaixa perfeitamente no contexto de uma OpAnf. Entretanto, a doutrina anfíbia atualmente em vigor no CFN não permite que nossos planejadores

¹ Carl Von Clausewitz, nascido no século XVIII, foi um conhecido general do reino da Prússia que se consagrou como estrategista e teórico da arte da guerra.

e executores desempenhem suas funções com tal grau de inovação, flexibilidade mental e liberdade de ação. Na verdade, os conceitos de Guerra de Manobra só estão efetivamente inseridos em nossa doutrina no *CGCFN 0-1 Manual de Fundamentos de Fuzileiros Navais*. Nossos principais manuais de OpAnf e de Operações Terrestres foram formulados antes da adoção deste estilo de guerra pelo CFN. Como as OpAnf foram eleitas como principal eixo estruturante do CFN, torna-se imperativo repensar nossa doutrina anfíbia, inserindo efetivamente os conceitos de Guerra de Manobra.

A Guerra de Manobra e os GptOpFuzNav

A partir de 1990, paralelamente à gradativa implantação dos conceitos de Guerra de Manobra, o CFN passou a adotar a concepção de emprego por meio de GptOpFuzNav, também selecionado como um eixo estruturante. Da mesma forma que as OpAnf, a adoção dessa forma de emprego se encaixa perfeitamente na aplicação da teoria de Guerra de Manobra. Pode-se afirmar que os Fuzileiros Navais cumprem suas missões utilizando os conceitos de Guerra de Manobra e empregando seus meios sob a forma de GptOpFuzNav.

Guerra de Manobra - Evolução Doutrinária



Figura 3: Organização do GptOpFuzNav
Fonte: o autor (2013)

A **FLEXIBILIDADE** e a **VERSATILIDADE** proporcionada por este tipo de organização para o combate permitem a construção de uma estrutura dinâmica e móvel, capaz de moldar-se a qualquer tipo de situação. Exatamente como preceitua a Guerra de Manobra, os GptOpFuzNav conferem ao CFN uma vigorosa capacidade de adaptação e de reação às mutáveis circunstâncias que evoluem nos campos de batalha. Esta concepção permite que nossos meios de combate terrestres, aéreos e logísticos sejam combinados em uma organização balanceada, gradual e capaz de responder prontamente a qualquer mudança de situação, surpreendendo o inimigo.

A própria organização de um GptOpFuzNav em Componentes está dentro da filosofia de Guerra de Manobra. Ao descentralizar a responsabilidade e a execução das ações necessárias ao cumprimento da missão, dividindo o espaço de batalha entre seus Componentes, um Comandante de GptOpFuzNav está dando liberdade de ação para que seus subordinados manobrem com alto grau de iniciativa. Além disso, a eficiência relativa do seu ciclo decisório é ampliada uma vez que ele terá mais tempo para dedicar-se às operações futuras, girando seu ciclo OODA mais rapidamente que o inimigo.

Cabe ressaltar que Lind não menciona nada sobre GptOpFuzNav. Entretanto, ele também apresenta uma proposta de organização alternativa mais eficiente para atender à filosofia de Guerra de Manobra. Por exemplo, ele sugere uma alteração na tradicional organização ternária das Unidades de Infantaria (Companhias, Pelotões, Grupos de Combate e Esquadras de Tiro). Basicamente, o autor propõe que elas sejam organizadas para o combate em dois grupos: um elemento de fixação e um elemento de destruição. Esta ideia faz parte do conceito de armas combinadas, por meio do qual se busca potencializar as possibilidades e minimizar as limitações dos meios disponíveis a fim de destruir a coesão mental do inimigo.

Deste modo, um Grupo de Combate seria dividido em duas grandes Esquadras de Tiro: uma esquadra concentrando todas as armas automáticas (MINIMI) e os lançadores de Granada (M-203), responsável por fixar o inimigo; e uma outra esquadra mais leve composta por militares portando somente fuzis (M-16) para destruir o inimigo. Demonstrando que a filosofia de Guerra de Manobra se aplica a todos os escalões, Lind chega a comentar que um Grupo de Combate deveria provocar um dilema na mente do inimigo, quebrando sua coesão mental. Enquanto as armas automáticas obrigariam o inimigo a aferrar no solo, as granadas dos M-203 forçá-lo-ia a se levantar e procurar um abrigo.

Conclusão

Este artigo procurou analisar como o CFN está implantando a filosofia de Guerra de Manobra, bem como a importância dela ter sido elencada como um dos eixos estruturantes do CFN. Destaca-se a nítida simbiose e complementaridade existente entre os três pilares que nortearão o futuro doutrinário do Corpo. Seguindo os ensinamentos de um dos vários estudiosos da teoria, foi possível verificar que este estilo de condução dos conflitos tem tudo a ver com a nossa razão de ser: as Operações Anfíbias. Da mesma forma, também ficou clara a sintonia existente entre a Guerra de Manobra e o conceito de GptOpFuzNav.

O antigo *CGCFN-1000: Manual de Organização e Emprego de GptOpFuzNav* foi uma espécie de marco inicial da implantação da teoria de Guerra de Manobra no CFN. Publicado em 2003, ele teve o propósito de nortear o preparo e o emprego dos Fuzileiros Navais, servindo de base para todas as demais publicações da série CGCFN. Nos últimos dez anos, falamos muito sobre Guerra de Manobra em nossos cursos, palestras, simpósios e jornadas, mas sua aplicação prática em nossas operações e exercícios ainda tem um longo caminho pela frente. Como filosofia de combate dos Fuzileiros Navais, a compreensão dos conceitos de Guerra de Manobra em todos os escalões crescerá à medida que a teoria for sendo formalizada em nossos manuais e internalizada pelo nosso pessoal nos cursos de carreira.

Referências

BRASIL. Marinha do Brasil. Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. *CGCFN-0-1: Manual de Fundamentos de Fuzileiros Navais*. Rio de Janeiro, 2013.

LIND, William S. *Maneuver Warfare Handbook*. Colorado: Westview Press, 1985.